

JORNAL: Revista Visão LOCAL: Quomabara

DATA: 25 109 1964 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: Os ingleses verão o que o Brasil tem

ASSUNTO: Brasileiros - e Fran - no Royal College de Londres.



A ceramista belga Mère Saint Ambroise e a artista gaúcha Vera Chaves Barcellos

## Uma mostra a quatro mãos

O Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano, de Porto Alegre, apresentou de 17 a 30 de agosto uma exposição de gravuras e têmperas da artista gaúcha Vera Chaves Barcellos, juntamente com uma exposição de cerâmicas da religiosa belga Mère Saint Ambroise.

Vera, que é pintora e gravadora, nasceu em Porto Alegre, onde iniciou seus estudos na Escola de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul, tendo cursado posteriormente diversas escolas especializadas no exterior, como a St. Martin's School e a Central School of Arts and Crafts, em Londres, a Académie de La Grande Chaumière, em Paris, e a Académie van Beeldende Kunsten, em Rotterdam, na Holanda.

A artista já participou de diversas mostras no Brasil e sua obra figura em acervos públicos e particulares no exterior (Grã-Bretanha e Holanda) e no País.

De sua obra, diz o crítico de arte gaúcho, Carlos Saldanha Legendre: "Vera, como artista, apresenta-se, em suma, por sua obra. Aí está uma série de trabalhos que merece ser vista, discutida e respeitada, em virtude, quando mais não seja, da franqueza e honestidade com que se revela a sua autora. De paisagens e naturezas mortas, obtidas por têmpera e gravura, compõe-se o seu mundo rico, silencioso e bucólico, que nada conta, mas tudo sugere".

Mère Saint Ambroise, da Ordem das Cónegas de Santo Agostinho, nasceu na Bélgica, estando radicada em nosso País desde 1932, quando chegou a São Paulo. Quinze anos depois viajou com destino a Paris, onde permaneceu 7 anos estudando pintura no Atelier

Julien, no Quartier Latin. De volta ao Brasil, fixou-se no Sul, onde divide o seu tempo entre o ensino e o fabrico da cerâmica e a cátedra de História da Arte no Instituto Nossa Senhora das Graças, em Porto Alegre.

A cerâmica de Mère Saint Ambroise é de fundo religioso, dedicando-se a peças de arte sacra.

## Os ingleses verão o que o Brasil tem

No dia 4 de novembro próximo será solenemente inaugurada em Londres a primeira grande exposição de arte contemporânea brasileira realizada na Grã-Bretanha. A mostra é fruto de um esforço conjunto do Conselho Britânico, Itamarati e Royal College of Art de Londres.

Cumpre destacar, dentro desse esforço, o papel desempenhado por Sir Robin Darwin, diretor do Royal College, pelo Professor Carel Weight, do Royal College — que veio especialmente de Londres, a convite do Itamarati, para selecionar os artistas e seus trabalhos —, pelo Ministro Jorge de Oliveira Maia, então chefe do Depar-

ARTE

VIRE

tamento de Cultura e Informações (e hoje à testa do SEPRO, em Londres), e pelo Conselheiro Mário Dias Costa, chefe da Divisão Cultural do mesmo Departamento, que recebeu a valiosa colaboração de Rosalina Leão e de Marc Berkowitz, crítico de arte brasileiro e colaborador desta revista. Em tôdas as fases dos trabalhos de organização, esteve presente, incansável, J. J. Cayton, representante do Conselho Britânico no Brasil.

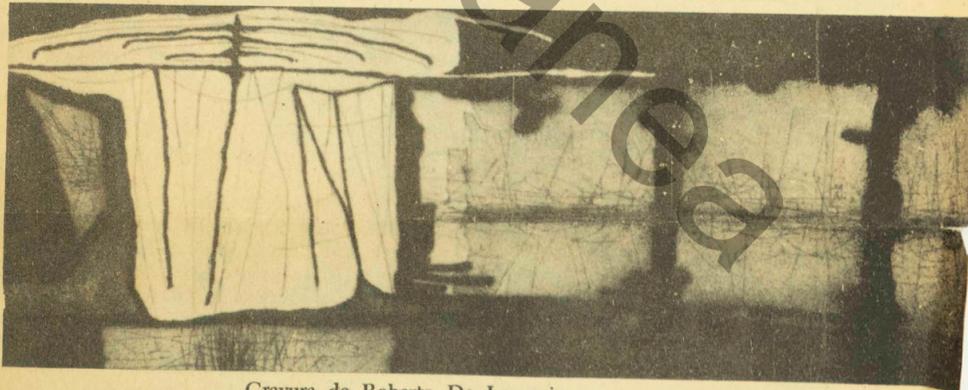
Tudo começou com a vinda de Sir Robin ao nosso País em abril de 1963, a convite do Itamarati, para tratar de problemas de *Industrial Design*. Por intermédio de Berkowitz, ele entrou em contato com a arte contemporânea brasileira e alguns dos seus representantes, ficando entusiasmado. Regressando a Londres, Sir Robin Darwin iniciou as primeiras *démarches* para a realização de uma grande exposição que revelasse a arte moderna brasileira ao público britânico. Agora, um ano e meio depois, Londres deverá apreciar uma exposição de obras de mais de 60 artistas brasileiros.

Depois de encerrada a exposição, os trabalhos circularão por algumas cidades da Grã-Bretanha, devendo os óleos, em princípio, voltar ao Brasil.

O objetivo da exposição é fornecer um panorama atual da arte brasi-



Desenho de Marcello Grassmann



Gravura de Roberto De Lamonica

JORNAL: Revista Visão LOCAL: Quarabana

DATA: 25 / 09 / 1964 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: Os ingleses verão o que o Brasil tem

ASSUNTO: Brasileiros - e Ivan - no Royal College de Londres.

## ARTE

VIRE

leira. Por isso, nela não figuram artistas já falecidos, da importância de um Portinari ou de um Segall, nem artistas que influíram historicamente na evolução da arte moderna no Brasil, mas que, por motivos vários, não militam atualmente no primeiro plano da vida artística nacional.

Evidentemente, não puderam ser incluídos na mostra todos os artistas que mereceriam figurar na exposição, já que a galeria do Royal College não comporta mais de 200 trabalhos. Assim, os organizadores decidiram mostrar menos artistas, mas cada um deles com um número de trabalhos suficiente para caracterizar a sua obra, evitando, na medida do possível, uma fragmentação exagerada. Por razões técnicas também não foram incluídas esculturas.

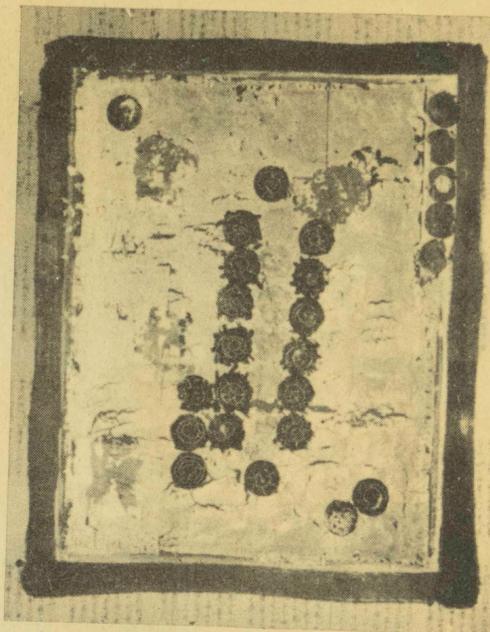
Apenas um grupo pequeno de artistas primitivos figura entre os artistas selecionados, devendo expor à parte, exibindo um aspecto da arte contemporânea brasileira: Heitor dos Prazeres, Paulo Pedro Leal e José Antônio da Silva.

Serão também expostas tapeçarias de Norberto Nicola e de Jacques Douchez, donos de um artesanato elevado ao nível de arte.

São os seguintes os artistas participantes: pintores: Frans Krajcberg, Ivan Serpa, Antônio Bandeira, Iberê Camargo, Frank Schaeffer, Arcângelo Ianelli, Thomaz Ianelli, Tomie Ohtake, Manabu Mabe, Domenico Lazzarini, Alberto Teixeira, Paulo Becker, Carlos Scliar, Gastão Manoel Henrique, Sérgio de Campos Mello, Décio Vieira, Danilo Di Prete, Paolo Rissone, Yolanda Mohalyi, Benjamin Silva, Willys de Castro, Ivan Freitas, Hércules Barsotti, Djanira Motta e Silva, Laszlo Meitner, José Paulo Moreira da Fonseca; gravadores e desenhistas: Fayga Ostrower, Maria Bonomi, Roberto De Lamônica, Edith Behring, Artur Luís Piza, Farnese de Andrade, Walter Marques, José Assumpção de Souza, Newton Cavalcanti, Isabel Pons, Maciej Babinski, Dora Basilio, Hermano José Guedes, Vera Bocayuva Mindlin, Moacyr Rocha, Anna Letycia Quadros, Roberto Magalhães, Rossini Perez, Wilson Georges, Anna Bella Geiger, Marília Rodrigues, Zita Viana, Miriam Chiaverini, Marcello Grassmann, Darel Valença, Aldemir Martins, João Suzuki, Ítalo Cencini, Fernando Lemos, Wesley Duke Lee, Abelardo Zaluar, Rita Rosenmayer, Augusto Rodrigues, Helena Maria Beltrão de Barros, Antônio Henrique do Amaral, Fernando Odriozola.

Alguns artistas convidados, infelizmente, não puderam participar, por diversas razões, e não há dúvida de que Maria Leontina, Milton Dacosta e João Luís Chaves farão muita falta num panorama da arte atual do Brasil.

De qualquer modo, porém, os organizadores da mostra, dos dois lados do oceano, esperam que os ingleses, e possivelmente outros europeus, compreendam o sentido da exposição e tenham o seu interesse aguçado para melhor conhecer essas e outras manifestações da cultura brasileira.



A exposição do Grupo Vava foi bem recebida pela crítica de São Paulo

## Um grupo que não conhece limitação

O Centro Cultural Brasil-Japão, da capital paulista, apresentou recentemente uma exposição de pintura do Grupo Vava, do Japão. A mostra foi realizada sob os auspícios da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, em colaboração com o Consulado Geral do Japão em São Paulo.

O Grupo Vava foi organizado em 1959 por alguns pintores modernos residentes na cidade de Seki, província de Gifu, no Japão, tendo-se desenvolvido rapidamente e atraído a atenção dos meios artísticos japoneses, sobretudo por sua originalidade.

Pouco depois de sua criação, o conjunto conseguiu expor em Tóquio, e o êxito da mostra assegurou-lhe a repetição anual da exposição, realizada sempre no mês de agosto. Afora o objetivo comum de "expor", nada limita as atividades de cada um dos integrantes do grupo. A própria denominação Vava foi escolhida por não ter significado algum.

O mérito principal do conjunto foi chamar a atenção sobre a qualidade das obras produzidas na província e que raramente eram vistas na capital. Os próprios críticos se admiraram de que uma tranqüila cidadezinha do interior, como Seki, notadamente conservadora, tenha produzido semelhante grupo de artistas (Seki é conhecida